

CORPOREIDADE: uma base epistemológica para a ação da Educação Física

Wagner Wey Moreira¹

Aline Dessupoio Chaves²

Regina Maria Rovigati Simões³

RESUMO

A Educação Física Escolar tem hoje a necessidade de associar termos como Motricidade, Ciência do Esporte, Corporeidade, se pretende continuar sendo disciplina curricular no interior da escola. Mais que questões conceituais, estes termos expressam valores pelos quais o professor de Educação Física deve exercer sua função pedagógica. Devemos efetivar o ensino para o trabalho com o corpo, a partir do exercício físico sistematizado, mas corpo esse entendido em seu contexto sócio-histórico-biológico. As bases epistemológicas do conceito a que se refere o termo corporeidade podem redimensionar os trabalhos do professor de Educação Física junto à Educação. Afinal somos, como humanos, a um só tempo, totalmente culturais e biológicos.

Palavras-chave: Corporeidade; Corpo; Epistemologia

- 1 Doutor em Educação. Professor da Universidade do Triângulo Mineiro (UFTM). Uberaba/Minas Gerais, Brasil. E-mail: weymoreira@gmail.com
- 2 Doutora em Educação Física. Professora da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Uberaba/Minas Gerais, Brasil. E-mail: alinedessupoio@ig.com.br
- 3 Doutora em Educação Física. Professora da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Uberaba/Minas Gerais, Brasil. E-mail: reginasimoes58@gmail.com

INTRODUÇÃO

Motricidade, Corporeidade, Esporte e Escola, temas esses associados aos Professores da área da Educação Física/Esportes remete-nos ao entendimento e à produção de conhecimento relacionada ao corpo. Afinal, toda a ação da área, quer no trato dos exercícios físicos sistematizados quanto no conhecimento e na prática de modalidades esportivas, destina-se ao ser humano que se movimenta.

Outro ponto importante a ser salientado já neste início, diz respeito a como nós vemos essa área de conhecimento que trabalha na formação de professores. Advogamos que a área da Educação Física/Esportes deve lutar para identificar seu estatuto epistemológico, quer seja via Teoria da Motricidade, quer seja via Ciência do Desporto, ou ainda alguma outra que possa surgir com a mesma coerência das duas anteriormente citadas, considerando que entre ambas há mais pontos em comum do que se possa imaginar num primeiro momento. O importante é que os profissionais dessa área destinem tempo e reflexão para esse fim, no afã de se construir uma ciência autônoma, podendo assim dialogar com as demais áreas científicas já consagradas, deixando de ser, como hoje é, apenas aplicação pedagógica ou biológica de outras áreas de conhecimento.

Daí o propósito deste escrito: refletir sobre uma área de conhecimento científico, ora denominada Educação Física, a qual prepara professores e profissionais para a ação relacionada com os corpos humanos devendo, por essa razão, balizar o entendimento que se possa ter sobre corpo que se movimenta para a superação no conhecimento de si mesmo, dos outros e das coisas ou do mundo.

Na estrutura do texto pode se identificar dois momentos: no primeiro, analisamos como está o trato com o corpo apresentado pela ciência e pela área da Educação Física; no segundo, estabelecemos a necessidade do estudo e entendimento de Corporeidade para ação pedagógica do professor/profissional da área.

A Ciência, o Corpo e a Relação desses Temas com a Educação Física

A associação entre ciência e corpo não é nova considerando que há mais de quatrocentos anos o corpo do ser humano vem sendo pormenorizadamente e progressivamente desvelado. O preocupante, no momento atual, é continuarmos a considerar o corpo como máquina a ser melhorada em seu rendimento para atingir a perfeição, porque nesta trilha já partimos do princípio que o corpo humano é imperfeito, justificando todo tipo de manipulação e de invasão para consertá-lo.

Novaes (2003) afirma categoricamente que se a perfeição é o esquecimento de alguns fenômenos, o corpo é o máximo de imperfeição e a ciência dos nossos dias o trata como um objeto de todas as experiências possíveis. O corpo é máquina ruidosa a ser reparada em cada movimento, máquina estragada, defeituosa, cabendo à ciência a missão de repará-lo.

Vemos o corpo humano sendo determinado pelo meio, o que leva a supor que as mudanças sociais podem modificar suas condições de existência. Ao longo da história, as condições sociais tatuaram nos corpos a docilidade, que nos dizeres de Foucault (1977) podiam ser objeto e alvo do poder. Objeto porque ele poderia ser manipulado, modelado, treinado; alvo porque ele poderia se tornar hábil, economizando forças para o trabalho necessário.

Os corpos dóceis recebiam com naturalidade a disciplina, que se constituía de métodos que permitiam o controle minucioso das ações corpóreas, através da delimitação do espaço, controle do tempo e do movimento. Se pensarmos na Educação Física, em seu trilhar histórico, não identificaremos exatamente isto? Ela não foi mestre em controlar espaço, tempo e movimento?

Como o que nos preocupa é o hoje, tendo como base os escritos de Foucault (1977) para o século XVII, podemos verificar que estes poderiam ser reeditado hoje, ou seja, a disciplina continua fabricando corpos submissos, exercitados e dóceis, fazendo deles uma aptidão e uma capacidade que se procura aumentar e uma energia que se procura controlar, dissociando dessa forma o poder do corpo.

Também podemos ainda dentro desta vertente, encontrar outras metáforas que existiram no sentido de controlar os corpos. Moreira (1995) apropriando-se do pensamento de Hugo Assmann revela que há o “corpo jardim fechado”, aquele que é sacralizado, que tem sua existência separada de sua essência, vivendo em função do desenvolvimento do espírito. É um corpo que não pode possuir desejos, que é sinônimo de templo, de residência da alma.

Outra compreensão é do “corpo ajustável ao que se precisa”, o qual é dotado de plasticidade, moldeabilidade, elasticidade. É o corpo força de trabalho, útil no cumprimento das funções regulares do mercado. São os corpos professores, corpos estivadores, corpos executivos, corpos operários, corpos burocratas do poder, corpos relação mercantil. Isto, na área da Educação Física, pode ser encontrado com muita frequência na área dos esportes, na qual o corpo atleta muitas vezes é invadido em sua intimidade e degradado em sua essência para manter o rendimento ou a performance exacerbada.

Há ainda os “corpos asceta-indiferentes”, em que as relações corporais, por não apresentarem significado, perdem significância. Num mundo em que o consumo substitui a ação de movimentar-se na direção da superação, corre-se o risco de substituir paixão pela vida por indiferença emocional.

Já Rouanet (2003) nos remete à obra do médico Julien Offray de La Mettrie, que viveu no século XVIII, mencionada aqui por nos parecer muito atual suas reflexões a respeito do corpo. La Mettrie acreditava que o organismo determina o essencial da vida do homem e que a felicidade deve ser buscada no bom funcionamento do corpo e não na transformação social. Como se vê estas ideias parecem propostas da modernidade, pois, na ciência, o homem novo continua sendo um ideal, só que hoje ele deve ser fabricado no laboratório, nas clínicas médicas de cirurgias estéticas, nas academias de ginástica e outras formas de modelagem e tratamento corporal. O autor já simbolizava o que nos dias atuais temos como o materialismo biologizante, assunto tão debatido em nosso mundo acadêmico e científico.

O pensamento de La Mettrie poderia ser considerado, tempos atrás, como impróprio, porque no modelo liberal-utilitarista-socialista a sociedade, quer seja para o bem ou para o mal, tinha sempre a primeira e a última palavra. Hoje, ao falarmos do homem-genoma vemos o fator determinante estar centrado na biologia e não na sociedade (ROUANET, 2003).

Este problema se avoluma porque ainda hoje a maioria dos cientistas não concebe o trabalho de suas pesquisas como uma ação política, mas sim justificado por ingênuos padrões de “neutralidade” exigidos pela ciência. O mesmo Rouanet (2003, p. 57) aponta o perigo:

O ideal platônico dos reis-filósofos parece ter sido reformulado hoje exatamente nos termos proposta por La Mettrie: a redefinição dos filósofos como cientistas naturais, e dos cientistas naturais como médios, isto é, especialistas do corpo humano. Nessa utopia biológica que já se desenha no horizonte, o poder seria exercido pelos que sabem manipular geneticamente [...] isto é, não pelos que sabem conduzir os homens pela fabricação de ficções úteis, como dizia nosso filósofo, com um cinismo ainda inocente, mas pela reprogramação genética dos homens, para torná-los mais dóceis e menos violentos.

O corpo da biotecnologia, apoiado em um ideal padronizado de perfeição, que para ser alcançado é permitido recorrer a implantes e próteses, com os quais se aumenta ou se diminui seios, pernas, bundas ou outra parte do corpo. Corpo imperfeito no padrão estético vigente, que recorre aos martírios dos treinamentos infundáveis, das dietas irracionais, dos modismos do momento.

Corpo imperfeito que pode ser escondido nos sites de relacionamento dos programas computacionais mais acessados, corpo que se relaciona sem a necessidade do ir ao encontro do outro corpo para o estabelecimento da comunhão.

Esta é a ciência atual, privando o corpo de ser humano, de movimentar-se em direção ao outro, de buscar a auto superação, procurando gostar-se mais, porque sem isto é impossível gostar do outro. Corpo que se não alcançar o padrão estético vigente como o certo, estará fadado a ser desprezado, considerado imperfeito e não digno de atenção.

Le Breton (2003) vê este momento como um adeus ao corpo, considerando os avanços tecnológicos e o sentido de fabricação de corpos. Quanto aos avanços tecnológicos ele mostra que o corpo pode tornar-se um estorvo, uma excrescência desastrosa do computador. Presenciamos em nossos dias a importância das comunidades virtuais, mais importantes que os contatos familiares ou de vizinhança. Essa comunicação fora do corpo tende a afrouxar os vínculos sociais e a alargar o espaço pessoal. Os ciberamigos em muitos casos são mais íntimos que as pessoas próximas porque jamais os encontramos. Os encontros frente a frente em um passeio tranquilo, a carência de estar presente convivendo corporalmente com o outro cede espaço para o diálogo apaixonado dos proprietários dos celulares, dos computadores, dos interlocutores falantes.

A ciência de hoje perdeu ou esgotou a visada de especulação e de contemplação que havia herdado dos antigos. Passa-se uma nova ideia de prática, de fabricação, de necessariamente atuar sobre as coisas vistas. E aqui temos desdobramentos políticos porque

transferimos para a nossa espécie o sentido de fabricação de corpos e deterioramos o sentido de relações humanas. Deixa-se de haver troca, condição essencial na convivência e valoriza-se o fabrico de corpos.

Corpo máquina defeituosa que deve ser concebida, reparada, moldada segundo um padrão de perfeição apresentado pela imagem midiática do momento. O novo homem continua sendo um ideal, mas, agora ele deve ser produzido em um laboratório ao invés de ser um produto social. Fabricar, reparar, consertar, melhorar o design, tornar mais eficiente, esses são os propósitos da ciência em relação aos corpos humanos.

Por isso o grande investimento em ciência em nossos dias está centrado nas experiências, por exemplo, de clonagem. Mas, o próprio Rouanet (2003), referindo-se a Habermas, lembra que clonagem pode significar uma verdadeira escravidão genética em que uma pessoa se arroga o direito de determinar o programa genético de outra, privando-a de sua liberdade e aniquilando dessa forma a simetria que deve existir entre os seres humanos como seres morais e dotados de direitos e obrigações recíprocas.

No entanto, para não cairmos numa sensação de impossibilidades, as duas vertentes mencionadas (social e biológica) e mesmo as preocupações levantadas podem ser superadas. Nada impede que uma humanidade que se tornou tecnologicamente autônoma, graças a sua concepção de ciência, possa se organizar socialmente, de modo que a autonomia de todos os indivíduos também possa ser assegurada. A autonomia dos indivíduos, proposta pela linhagem social, pode ser conseguida também com a preocupação relacionada a autonomia da espécie, objetivo da linhagem biologizante.

Ou, nas palavras finais de Rouanet (2003, p. 62/63):

Depende de nós, agindo politicamente, ou que não haja nenhum homem-máquina, ou que ele seja tão amável quanto o homem de lata do Mágico de Oz, que acaba ganhando um coração no final da jornada. É o homem como autor do seu destino, suficientemente corajoso para rejeitar qualquer apelo a um pai transcendente, suficientemente humanista para não transformar a pedagogia em arte de amestrar e suficientemente democrático para não substituir a política pela biologia.

Mais um argumento nos parece interessante e este vem de Berlinguer (2003). O autor propõe uma reflexão sobre o corpo máquina a partir de pressupostos éticos e da palavra responsabilidade. Esta, por sua vez, pode apresentar dois significados: o primeiro associa-se a empenho, consciência, escrúpulo e neste sentido responsabilidade deve estar na base da ética contemporânea considerando o poder adquirido pela espécie humana para modificar e mesmo o (re)significar o ambiente planetários, os seres vivos e nós mesmos.

Por outro lado, responsabilidade pode, como encontrado na linguagem comum, significar culpa, erro, sendo exatamente aí que se questiona a ciência dos nossos dias. Mencionando Gramsci, Berlinguer (2003) lembra que a produção científica deve, de forma desinteressada, investigar relações novas entre as forças e as coisas, mas falhar nessa missão quando se torna charlatanismo. E mais, as descobertas estão muito mais a serviço de mutilar e matar os seres humanos do que defenderem esses seres do mal e da cegueira das forças naturais. O mundo científico também deve responder a seguinte questão:

que tipo de sociedade humana devemos almejar e nela viver? Sociedade e ciência têm a responsabilidade de não reprimir a inteligência criativa humana, mas, devem ao mesmo tempo pautar condutas estruturadas em valores éticos.

Estas preocupações devem estar presentes na área de conhecimento denominada Educação Física. Participar de exercícios físicos sistematizados, de vivências esportivas, remete a uma idéia de corpo individual e coletivo, que se reconhece como autor e ator da história, não podendo isto ser alcançado com movimentos meramente mecânicos e repetitivos, realizados por um corpo burro, com a finalidade de moldar o corpo próprio segundo um padrão externo a este, definido, por exemplo, pelos modismos de época ou pelos meios de comunicação.

Daí a necessidade de enfatizarmos a busca do entendimento e da vivência do fenômeno corporeidade, o qual, quando buscado pela ciência, tem nesta um instrumento para o alcance da transcendência, descartando-se ser ela um fim em si mesmo.

A Corporeidade e a “Ciência da Educação Física”

Colocamos entre aspas a relação ciência e Educação Física (justifica-se no momento atual) pelos motivos já expostos na introdução, enfatizando a necessidade da área alcançar sua autonomia como produtora de conhecimento.

Ainda para que não sejamos interpretados de forma equivocada, claro está que estamos cientes que corporeidade não é o objeto científico da Educação Física, como não será objeto científico de nenhuma área de conhecimento em particular. Corporeidade é sim uma atitude que deve nortear os profissionais pesquisadores que trabalham com o corpo, com o movimento, com o esporte, tanto no sentido coletivo quanto no individual.

Dados esses esclarecimentos, vamos justificar porque a corporeidade deve ser o eixo norteador da Educação Física, como área de produção de conhecimento científico.

A principal função da Educação Física no mundo do trabalho, e para tanto formar profissionais para isto, é pedagógica. Esta afirmação vale para aqueles graduados que vão atuar na área da educação, como também para os que destinarão suas atividades para a área da saúde e da vivência desportiva, fenômeno esse complexo e de largo desenvolvimento no último século. Ele deve, na escola, ensinar os conhecimentos históricos da área de maneira contextualizada; na saúde, colaborar no ensino para a apropriação de hábitos salutares que resultem na melhoria da qualidade de vida; no esporte, propiciar a aprendizagem e a vivência de modalidades esportivas e de condicionamentos físicos os mais variados, sempre no sentido do movimentar-se na direção do outro, na direção das coisas ou do mundo, com intencionalidade, com regularidade e com controle da atividade. Isto será conseguido com qualidade se a atitude da corporeidade estiver presente.

Advogar corporeidade é lutar pelo princípio de uma aprendizagem humana e humanizante, em que, em sua complexidade estrutural, o ser humano passa a ser considerado, a um só tempo, totalmente antropológico, psicológico e biológico. O corpo do homem não é um simples corpo, mas corporeidade humana, só compreensível por intermédio de sua integração na estrutura social.

Falar de uma educação do corpo, é falar de uma aprendizagem humana, é aprender de maneira humana (por isto existencial) a ser homem, a existir como homem. Falar de uma educação do corpo é explicitar a corporeidade.

Moreira (1995) escreve que corporeidade é, existe, e através da cultura ela possui significado. Daí a constatação de que a relação corpo-educação, por meio da aprendizagem, significa aprendizagem da cultura – dando ênfase aos sentidos dos acontecimentos -, e aprendizagem da história – enfatizando aqui a relevância das ações humanas. Corpo que se educa é corpo humano que aprende a fazer história fazendo cultura.

Corporeidade, nos leva a considerá-la ao mesmo tempo pessoal, política, cultural e histórica, pois, essas dimensões representam a estrutura do fenômeno humano sem reduzi-lo a nenhum de seus elementos.

Também em outro escrito (MOREIRA, 2008), encontramos que no caso da formação profissional em Educação Física, no trato com a corporeidade, há que se superar os sistemas que provocam a disjunção entre as humanidades e as ciências, da mesma forma que levam à separação das ciências em disciplinas hiper-especializadas, fechadas em si mesmas, como razões últimas do conhecimento científico.

O fenômeno corporeidade não pode se dar a conhecer pela hiper-especialização. A Educação Física, por meio de seus profissionais formados, deve colaborar para a análise e o entendimento da corporeidade no contexto da condição humana. O estudo do ser humano que se movimenta intencionalmente na direção da superação ou transcendência, através dos conhecimentos históricos da chamada Educação Física, deve estar atrelado ao entendimento da complexidade humana.

Morin (2001) enfatiza que o desenvolvimento humano está atrelado a um conjunto de autonomias individuais, de participações comunitárias e de um genuíno sentido de pertença à espécie humana. Por essa razão a educação deveria mostrar o destino multifacetado do humano enquanto espécie humana, individual, social e histórico, todos estes entrelaçados e inseparáveis. Daí a necessidade da educação do futuro, e nesta colocamos a Educação Física, realizar o estudo da complexidade humana.

A corporeidade deve servir como eixo primordial na formação profissional em Educação Física porque só é possível conhecer e definir o humano a partir da realidade corporal, como já afirmava Merleau-Ponty (1994). Eu sou o meu corpo e assim o ser, a realidade ontológica, coincide com a realidade corpórea. O ser humano pode ser definido como tal a partir de sua realidade corpórea e não a partir de seu pensamento. Aqui, mais uma vez, se justifica o estudo da corporeidade, pois, ela reúne o ser físico, o intelectual, o sensível, o transcendente, deixando de lado a exacerbação da perspectiva racionalista e racionalizadora.

Nóbrega (2009) é categórica ao dizer que o corpo demonstra a unidade na diversidade, enredando mundo cultural e mundo biológico contribuindo assim para o rompimento do dualismo entre os níveis físicos e psíquicos. É com o corpo que atuamos no mundo e na versão existencialista formulada por Merleau-Ponty fica demarcada que a relação homem-mundo é corporal.

A Educação Física deve levar a seus profissionais o sentido da corporeidade porque a aprendizagem do mundo se faz com o corpo, mesmo considerando que sempre numa síntese inacabada. Aprender o mundo significa considerarmos as representações intelectuais, motoras e sensitivas.

O sentido da corporeidade evidencia-se quando sabemos que a facticidade do corpo ultrapassa o nível biológico, o nível dos instintos, chegando a criação de um mundo simbólico, de significações. Mundo natural e mundo cultural formam uma unidade que a corporeidade os vivencia.

A formação profissional na área de conhecimento científico denominada ainda hoje de Educação Física, a qual tem como função principal o sentido da aprendizagem, deve reconhecer que aprendizagem é quase sempre uma reorganização da corporeidade. Quando o ser humano aprende, quando ele encontra uma determinada significação para um acontecimento em sua vida, ele passa a habitar espaço e tempo de forma diferente. Esse acontecimento é, a um só tempo, motor e perceptivo, não havendo separação entre o corpo que age e o cogito que organiza a ação. O corpo é lugar de aprendizagem na qual o motor e o perceptivo, o corpo e a consciência compõem um sistema único (NÓBREGA, 2009).

Mais uma vez enfatizamos que o conceito de corporeidade em Merleau-Ponty considera a realidade do corpo para além das dicotomias corpo e mente, natureza e cultura, individual e coletivo. Para esse autor, corporeidade é consciência encarnada, existencializada.

Corporeidade pode favorecer a associação da ciência e da Educação Física, deixando a primeira de ser manipuladora de corpos para, através da segunda, habitá-los, deixando para trás a ideia de corpo-objeto e caminhando na direção do estudo do corpo-sujeito.

Quando se fala em conhecimentos históricos da área da Educação Física, ou seja, o esporte, a ginástica, a luta, o jogo e a dança, mais ainda se vê a necessidade da associação desses conteúdos com o sentido de corporeidade. Com ela, a Educação Física pode ousar em transformar, inclusive, o movimento realizado, antes meramente mecânico, em manifestação de arte. Beleza estética e plasticidade podem ser percebidas no corpo dançando, no sujeito driblando com suas gingas mais desconcertantes, nos gestos de chutar a gol, de cortar acima de um bloqueio, de arremessar a cesta de uma grande distância. Pinturas, realizadas sem tinta, mas com movimentos corporais expressos pelas mãos, pelos braços, pelas pernas, pelos pés, enfim, por toda a corporeidade que joga.

Corporeidade pode auxiliar a rever o sentido e o significado do esporte, que escapa a muitos olhares menos atentos: é identificar que o esporte, tem como razão de ser, o trato da forma humana, o aprimoramento corporal, gestual e comportamental do ser humano. E este propósito só pode ser alcançado através da técnica, esta também necessitando de um redimensionamento, como o proposto por Bento (2006, p.157)

É a técnica que precede e possibilita a criatividade e a inovação. A criatividade será uma espécie de estado de graça, de harmonia e perfeição, um sopro de inspiração que responde a uma ordem e a uma voz que vem de dentro, mas que só resulta quando a técnica se instala como uma segunda natureza. Sim, difícil é a técnica;

com ela o resto é fácil. A técnica é uma condição acrescida e aumentativa; não serve apenas a eficácia, transporta para a leveza, a elegância e a simplicidade, para a admiração e o espanto, para o engenho e a expressão do encanto. Sem ela não se escrevem poemas, não se compõem melodias, não se executam obras de arte, não se marcam gols, não se conseguem cestas e pontos, não se pode ser bom em nenhum ofício e mister. A arte, a qualidade, o ritmo, a harmonia e a perfeição implicam tecnicidade. Sem técnica não há estética de coisa alguma. E a ética fica deficitária e manca. Enfim, sem técnica não logramos ser verdadeiramente humanos.

A formação profissional na área científica da Educação Física e o fenômeno corporeidade é uma associação que permite rever conceitos, a partir do redimensionamento do saber o que é esse ser humano corpóreo.

Sentir, pensar, agir, sonhar, criar, ousar, transcender, palavras que podem e devem estar presentes na preocupação científica. Que estas palavras e preocupações possam fazer parte da ciência da Educação Física e que elas tenham a missão de nortear a formação profissional nesta área de conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sempre nos vem à mente a frase de Merleau-Ponty: “A máquina funciona; o corpo vive”. Temos dito que se os pesquisadores, os professores universitários, os que trabalham com o jogo, com o esporte, com a dança, com a ginástica e com a luta, enfim, se todos aqueles que possam estar inseridos na produção de conhecimento científico na área da Educação Física conseguirem captar a diferença fundamental indicada por Merleau-Ponty entre máquina e corpo do ser humano, estaremos aptos a colaborar para a transformação da área e trabalhar adequadamente com o fenômeno corporeidade.

A área de conhecimento ainda denominada Educação Física necessita ultrapassar seu estágio atual, a qual é considerada na escola como conhecimento de menor valor, e na sociedade em geral como reprodutora de movimentos mecânicos. Incorporar o sentido e a atitude de corporeidade aqui apresentados, poderá desencadear o desenvolvimento de uma Educação Física escolar em que o ser humano seja respeitado na aquisição dos conhecimentos relacionados com o esporte, com os movimentos gímnicos, com as lutas, enfim, com a própria tradição da área e, ao mesmo tempo, propiciar atendimento e uma prática generalizados do exercício físico sistematizado que, em primeiro lugar, esteja comprometido em desenvolver o humano no homem.

A Educação Física associada ao fenômeno corporeidade exigirá o entendimento do movimento fundado na motricidade e esta contendo a intencionalidade, propiciando a realização de movimentos dotados de significação.

A nós pesquisadores da área, cabe essa missão. Para isto temos que superar divergências ideológicas estéreis, não abrindo mão de valores, mas negociando estratégias. Lembremo-nos, também aqui, de Geraldo Vandré: “quem sabe faz a hora, não espera acontecer”.

REFERÊNCIAS

- BENTO, J. O. Corpo e desporto: reflexões em torno desta relação. In: MOREIRA, W. W. (Org.) **Século XXI: a era do corpo ativo**. Campinas, Papirus, 2006, p. 155-182.
- BERLINGER, G. A ciência e a ética da responsabilidade. In: Novaes, Adauto (org.) **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Cia das Letras, 2003, p. 191-212.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: a história das violências nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- LE BRETON, D. Adeus ao corpo. In: Novaes, Adauto (org.) **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Cia das Letras, 2003, p. 123-138.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**, São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- MOREIRA, W. W. Corpo presente num olhar panorâmico. In: MOREIRA, W. W. (org.) **Corpo presente**. Campinas: Papirus, 1995, p. 17-36.
- MOREIRA, W. W. Corporeidade e formação profissional: a importância da teoria da motricidade humana para a educação física. In: GOLIN, C. H; PACHECO NETO, M; MOREIRA, W. W. (Org.) **Educação física e motricidade: discutindo saberes e intervenções**. Dourados: Seriemia Editora Ltda, 2008, p. 79-96.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**, São Paulo: Cortez, Brasília: Unesco, 2001.
- NÓBREGA, T. P. **Corporeidade e educação física: do corpo-objeto ao corpo-sujeito**, Natal: EDUFRN, 2009.
- NOVAES, A. A ciência no corpo. In: NOVAES, A. (org.) **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Cia das Letras, 2003, p. 7-14.
- ROUANET, S. P. O homem-máquina hoje. In: NOVAES, A. (org.) **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo**, São Paulo: Cia das Letras, 2003, p. 37-64.

CORPOREALITY: a base epistemological for action of Physical Education**ABSTRACT**

The School Physical Education has today the need to associate few terms such as Motricity, Sports Science, Corporeality, if it intends to continue to be a curricular subject in the schools. More than conceptual issues, these terms express values which the physical education teachers must exert their pedagogical role. We must carry an education to work with the body, from doing physical exercise systematized, but that body understood in his socio-historical context biological. The epistemological bases from the concept to refer the term embodiment can resize the jobs of a physical education teacher at education. After all, as humans, we are at the same time fully cultural and biological.

Keywords: Corporeality; Body; Epistemology

CORPOREIDAD: un epistemológico base de acción de Educación Física**RESUMEN**

La educación física es ahora la necesidad de asociar términos como Motricidad, Ciencias del Deporte, realización, si se continúa con la disciplina curricular en la escuela. Más de cuestiones conceptuales, estos términos expresan los valores en donde el maestro de Educación Física debe ejercer su función educativa. Debemos llevar a cabo la educación al trabajo con el cuerpo, a partir de los ejercicios físicos, pero este cuerpo entendido en su contexto socio - histórico y biológico. Las bases epistemológicas del concepto a que se refiere el término corporeidad pueden cambiar el tamaño de la obra del maestro de educación física con la educación. Después de todo lo que somos como seres humanos, al mismo tiempo totalmente cultural y biológica

Palabras clave: Corporeidad; Cuerpo; Epistemología

Recebido: março/2016
Aprovado: outubro/2016